



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS

ISABEL PADILHA DE CASTRO PERAZZO DE ANDRADE

Sentidos de/sobre espaço em "A educação pela pedra": identidade nordestina e imaginário social

Recife
2024

ISABEL PADILHA DE CASTRO PERAZZO DE ANDRADE

Sentidos de/sobre espaço em "A educação pela pedra": identidade nordestina e imaginário social

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Graduação em Letras – Bacharelado como parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras.

Orientador: Profa. Dra. Fernanda Correa Silveira Galli

Recife
2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Andrade, Isabel Padilha de Castro Perazzo de.

Sentidos de/sobre espaço em "A educação pela pedra": identidade nordestina e imaginário social / Isabel Padilha de Castro Perazzo de Andrade. - Recife, 2024.

36 p.

Orientador(a): Fernanda Correa Silveira Galli

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Letras - Bacharelado, 2024.

Inclui referências.

1. Análise do Discurso. 2. João Cabral de Melo Neto. 3. A educação pela pedra. 4. Espaço. 5. Sentidos. I. Galli, Fernanda Correa Silveira. (Orientação). II. Título.

410 CDD (22.ed.)

ISABEL PADILHA DE CASTRO PERAZZO DE ANDRADE

Sentidos de/sobre espaço em "A educação pela pedra": identidade nordestina e imaginário social

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Letras da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras.

Data: 18/10/2024

Orientadora

Profª. Dra. Fernanda Correa Silveira Galli

Universidade Federal de Pernambuco

Examinador/a

Me. Thiago Cesar da Costa Carneiro

Universidade Federal de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha família: Antônio Américo, Sibebe, Giordano, Juliano, Michelle, Eleonora e Aurora. A meus pais e meus irmãos (incluindo Michelle), por serem grandes entusiastas da minha educação acadêmica e sentimental, por me criarem sempre com muito afeto, me fazendo entender que há muitas educações necessárias, incluindo essa que João Cabral tanto poetizou. É um privilégio ter amor e amigos em casa, todos os dias, desde que nasci. A Eleonora, por ser uma das pessoas mais legais do mundo, e a Aurora, amor novíssimo, por ter chegado trazendo muita felicidade.

A Fernanda, pela orientação e pela amizade com as quais ela trata todos os seus alunos e que tornaram o difícil processo de finalização do curso em momentos agradáveis e carinhosos, materializando um ótimo sentido de professora.

A meus amigos, pela escuta e presença constantes, dividindo a vida comigo e tornando tudo mais leve. Dentre os que fiz durante o curso de Letras, agradeço especialmente a Izabelly, o melhor par mínimo, que foi parceria do início ao fim, com alegria e amizade. Também incluo neste grupo Larissa e os amigos que fiz durante meus estágios: Adriano, João Gabriel, Widma, Luíza, Gabi, Leônidas, Joy, Vlad e Marcus. Fora da universidade, sou grata por crescer junto de Túlio, Bela, Thaís, Bruna, Yanna, Caio, Carol, Shin, Taci (que trouxe Beni de presente), Luís Felipe, Juju, Laís e Lucas.

Obrigada por Matheus, com sua companhia deliciosa de sempre, especialmente nessa última semana doida de escrita, que foi muito melhor com você.

Agradeço à UFPE, minha segunda casa por 10 anos, pelas duas jornadas tão distintas mas tão fundamentais para meus estudos e meu futuro.

Por fim, não escreveria esse trabalho sem a influência de tantos outros familiares, amigos e professores que me acompanharam pela vida toda. Agradeço sempre pelas muitas educações.

“Silencioso: quer fechado ou aberto,
Incluso o que grita dentro, anónimo:
só expõe o lombo, posto na estante,
que apaga em pardo todos os lombos;
modesto: só se abre se alguém o abre,
e tanto o oposto do quadro na parede,
aberto a vida toda, quanto da música,
viva apenas enquanto voam as suas redes.
Mas apesar disso e apesar do paciente
(deixa-se ler onde queiram), severo:
exige que lhe extraíam, o interroguem
e jamais exala: fechado, mesmo aberto.”

(João Cabral de Melo Neto)

RESUMO

Neste trabalho, busco analisar discursivamente a poesia de João Cabral de Melo Neto, mais especificamente os sentidos de “espaço” que trazem imaginários de Nordeste e de Sertão. Para isso, abordei aspectos teóricos da Análise do Discurso pecheuxiana e da literatura, a partir de autores como Pêcheux (1997, 2014), Orlandi (2015), Bosi ([1970]2021), Secchin (2018), Petri (2013), Albuquerque Júnior ([1999] 2018), entre outros. No que diz respeito à análise, o *corpus* é formado por três poemas do livro *A educação pela pedra* (1966), a partir dos quais busco compreender os discursos de crítica às secas provenientes do Nordeste e o contexto literário da época que exigia uma maior participação social, construindo assim imaginários de miséria e morte no Sertão nordestino. João Cabral sucede em exercer a crítica social de acordo com as imagens de Sertão que constrói na formulação de sua poesia, fazendo uso de uma linguagem sucinta para expressar a dureza do Nordeste, mas também a resiliência e a possibilidade de produção discursiva e de vida nessa situação.

Palavras-chave: Análise do Discurso. João Cabral de Melo Neto. A educação pela pedra. Espaço. Sentidos.

ABSTRACT

In this work, I seek to discursively analyze the poetry of João Cabral de Melo Neto, more specifically the meanings of “space” that convey imaginaries of the Northeast and the Sertão. To do this, I addressed theoretical aspects of Pecheutian Discourse Analysis and literature, based on authors such as Pêcheux (1997, 2014), Orlandi (2015), Bosi ([1970]2021), Secchin (2018), Petri (2013), Albuquerque Júnior ([1999]2018), among others. As far as the analysis is concerned, the corpus consists of three poems from the book *Education by the stone* (1966), from which I seek to understand the discourses of criticism of the droughts in the Northeast and the literary context of the time that demanded greater social participation, thus constructing imaginaries of misery and death in the Northeastern Sertão. João Cabral succeeds in exercising social criticism in accordance with the images of the Sertão that he constructs in his poetry, using succinct language to express the harshness of the Northeast, but also the resilience and possibility of producing discourse and life in this situation.

Keywords: Discourse Analysis. João Cabral de Melo Neto. Education by the stone. Space. Meanings.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. Sobre a Análise do Discurso	11
1.1 AD e o espaço	14
1.2 AD e o discurso poético	15
2. Sobre João Cabral de Melo Neto	17
2.1 Condições de produção	17
2.2 O imaginário do Nordeste/Sertão	20
3. Sobre “A educação pela pedra”	22
3.1 Metodologia de análise	22
3.2 A pedra e o Sertão	24
CONCLUSÕES	32
REFERÊNCIAS	34

INTRODUÇÃO

João Cabral de Melo Neto (JCMN) nasceu em Recife, em 9 de Janeiro de 1920, e faleceu no Rio de Janeiro, em 9 de outubro de 1999. Foi poeta e diplomata brasileiro. Ele publicou poemas de 1942 a 1990 e se firmou como um dos grandes poetas do século 20 no Brasil. Sua poesia tornou-se ganhadora de prêmios nacionais e internacionais, e Cabral foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras (ABL) em 1968 (Biografia, 2023, on-line). Sua obra é, então, contemplada em diversas abordagens do campo literário e artístico. Para além de ser descrita em livros didáticos, ela é pauta de diversas críticas literárias, livros, dissertações e teses, artigos de jornais e revistas, entre outros. Por exemplo, o também poeta e membro da ABL Antonio Carlos Secchin publicou *João Cabral: uma faca só lâmina* (2014) e, em seu *Percursos da poesia brasileira* (2018), dedica uma suíte inteira à obra de Cabral; também Alfredo Bosi, renomado crítico literário, ainda em 1968, afirmava a importância e complexidade de Cabral em *História Concisa da Literatura Brasileira* ([1970] 2021).

A partir das reflexões de Durval Muniz de Albuquerque Junior ([1999] 2018), podemos pensar que João Cabral é, também, inventor do Nordeste. Sua representação locacional e de cotidiano norteiam muito do que se entende da região. A partir de sua obra, tão vasta e influente, são vários os estudos no âmbito da teoria literária, muito menos numerosos no campo da Análise de Discurso. A partir de consultas ao *Google Acadêmico*, encontrei poucos estudos que analisam sua obra por essa perspectiva discursiva¹. Levando em consideração esses fatores, me parece relevante investigar a formação desse imaginário por essa perspectiva. Sendo assim, neste trabalho, me proponho a analisar algumas poesias de JCMN a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da Análise do Discurso francesa. Investigo, portanto, as noções de espaço em *A educação pela pedra* (1966), 13º livro de poemas do autor, considerando que um objeto artístico deve ser compreendido como tal não só “(...) porque foi produzido por um artista, mas também porque foi recebido por um leitor/espectador” (Gama-Khali, 2022, p. 28).

A escolha de *A educação pela pedra*, dentre tantas obras, vem por alguns motivos, sendo os principais deles meu afeto por João Cabral e sua poesia e a liberdade de poder tratar de materialidades que me são caras nesse projeto. Ademais, há a sua ligação com nosso

¹ Cito os trabalhos de Silva e Rodrigues (2016), Florêncio e Abib (2019) e Lucena Júnior (2008). Ressalvo, no entanto, que apesar de serem trabalhos de análise do discurso literário, alguns o fazem a partir de outras vertentes que não a de Pêcheux.

objeto de estudos (os espaços). Desde sua separação em seções espaciais, o livro contribui para pensarmos como essas imagens e os efeitos de sentido se materializam nos poemas, os quais abordam, de diferentes formas, diversos lugares (ao citarem cidades, biomas, rios, ou, ainda ao fazerem analogias entre objetos e localidades), servindo como um arquivo produtivo para os nossos objetivos. Ainda, o livro representa, para alguns teóricos da literatura, uma linguagem já consolidada, um domínio de sua linguagem poética, “[...] produto de um ‘engenheiro’ já bastante amadurecido por suas experiências com a linguagem da poesia” (Barbosa, 1996, p. 84). Secchin também afirma que este seria o livro que “[...] mais explicitamente incorpora e desenvolve a temática sertaneja” (Secchin, 2018, p. 266). Por fim, sua importância crítica o torna um ótimo candidato: o livro foi o vencedor do prêmio Jabuti de Poesia de 1967 (Premiados..., 2023, on-line).

Sendo assim, considerando as possibilidades de leitura em AD e a escassez de estudos que vinculem essa vertente teórico-metodológica aos estudos literários, em especial à literatura de JCMN, e considerando, ainda, a contribuição da literatura na nossa formação social, me pergunto: 1) como analisar discursivamente o texto literário?; 2) quais as condições de produção do discurso literário de JCMN?; 3) como os espaços são construídos e permeiam a obra de João Cabral?; 4) quais os efeitos do discurso literário para uma percepção de identidade nordestina/sertaneja?; e 5) como a noção de espaço funciona discursivamente em *A educação pela pedra*, de João Cabral de Melo Neto?

A partir desta problematização, proponho enquanto objetivo geral investigar os modos como o espaço emerge na poesia de João Cabral de Melo Neto, mais especificamente em *A educação pela pedra* (1966). Quanto aos objetivos específicos, busco: 1) analisar os efeitos de sentido dos espaços poetizados por João Cabral de Melo Neto; e 2) compreender como esses sentidos permeiam o imaginário social do/sobre o nordeste brasileiro.

1. Sobre a Análise do Discurso

A Análise do Discurso (AD) pecheuxtiana surge como área de estudo sistematizada na década de 1960, pensando a linguagem enquanto *não transparente* (Orlandi, 2015, p. 15). A AD francesa surge com Michel Pêcheux, na França, e se fundamenta em três domínios disciplinares que marcaram uma ruptura com o século XIX: Linguística, Marxismo e Psicanálise. Isso significa que não se pode pensar na língua separada de seu contexto histórico (e do conseqüente legado do materialismo histórico). Além disso, a noção de homem desloca-se para a noção de sujeito, o que é contribuição da Psicanálise (Orlandi, 2015, p. 17).

Orlandi coloca que, para a AD,

- a. a língua tem sua ordem própria mas só é relativamente autônoma (distinguindo-se da Linguística, ela reintroduz a noção de sujeito e de situação na análise da linguagem);
- b. a história tem seu real afetado pelo simbólico (os fatos reclamam sentidos);
- c. O sujeito de linguagem é descentrado pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam. Isso redundaria em dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia (Orlandi, 2015, p. 17-18).

O **discurso**, na perspectiva da AD, “[...] não se trata apenas de transmissão de informação” (Orlandi, 2015, p. 19). Isto é, uma enunciação não é uma mensagem estanque e imutável, produzida por um emissor e interpretada por um receptor. Essa divisão não é possível, pois o discurso é produzido a partir de um contexto que considera quem o produz e quem o recebe, para um efeito de sentido particular (Orlandi, 2015, p. 19). Sendo assim, podemos pensar que, na perspectiva pecheutiana, “As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: *o discurso é efeito de sentidos entre locutores*” (Orlandi, 2015, p. 20, grifo nosso).

A Análise do Discurso ainda propõe a **compreensão** de enunciados, diferenciando esse conceito das ideias de inteligibilidade e interpretação. Para a AD, compreender é “[...] saber como um objeto simbólico [...] produz sentido. [...] A compreensão procura a explicitação dos processos de significação presentes no texto e permite que possam “escutar” outros sentidos que ali estão, compreendendo como eles se constituem” (Orlandi, 2015, p. 24), formando outras práticas de leitura.

Um dos conceitos mais importantes para a abordagem deste trabalho é o de **condições de produção** (CP), isto é, os aspectos que condicionam o discurso em sua conjuntura

histórica. Englobam, em sentido estrito, o contexto imediato e, em sentido amplo, os contextos sócio-histórico e ideológico. No contexto imediato, deve-se pensar nas “condições de enunciação”, isto é, os sujeitos que falam, os espaços por onde circulam determinado discurso, os meios. Já a ideologia e a história representam, respectivamente, as organizações da sociedade, com Instituições, lideranças e atribuições de poder; e os acontecimentos marcantes que produzem significado e afetam o discurso atual (Orlandi, 2015, p. 28-29).

As CP funcionam de acordo com as relações de sentidos, as relações de força e a antecipação. As relações de sentido determinam que não há discurso que não se relacione com outros, isto é, os efeitos de sentidos resultam de relações (Orlandi, 2015, p. 37). Ademais, segundo as relações de força, “[...] o lugar do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz” (Orlandi, 2015, p. 37). Por fim, a antecipação é o processo de predição da recepção do discurso, onde o sujeito coloca-se tanto no lugar de locutor quanto de interlocutor, de forma a dirigir “[...] o processo de argumentação visando seus efeitos sobre o interlocutor” (Orlandi, 2015, p. 37). Esses mecanismos manifestam as **formações imaginárias** que, “[...] enquanto mecanismos de funcionamento discursivo, não dizem respeito a sujeitos físicos ou lugares empíricos mas às **imagens** resultantes de suas projeções” (Glossário de Termos do Discurso *apud* Bressan, 2020, p. 125), isto é, às posições discursivas de um sujeito.

Um outro conceito que contribui sobremaneira para nossas reflexões é o de **interdiscurso**, que diz respeito a um saber discursivo anterior que “torna possível todo dizer” (Orlandi, 2015, p. 29). Isto é, os já-ditos promovem sentidos que se repetem e nos permeiam e permitem novos discursos. Orlandi aponta que, apesar de uma certa autonomia e consciência, “O dizer não é propriedade particular”, ou seja, se constrói através do interdiscurso (Orlandi, 2015, p. 30). Essa ideia de interdiscurso evoca a relação entre o mesmo e o diferente, de onde vêm os conceitos de **paráfrase** e **polissemia**. A paráfrase diz respeito à estabilidade, enquanto a polissemia faz referência à ruptura, ao novo. Orlandi define os processos parafrásticos como aqueles que apresentam o interdiscurso, algo que sempre se mantém na passagem dos discursos. Por outro lado, a polissemia seria uma ruptura num discurso, um processo ideológico criativo que mudaria noções previamente impostas (Orlandi, 2015, p. 34-35).

Considero importante pensar ainda nas distinções entre **autor** e **sujeito**, bem como na **função-autor** na perspectiva da AD. Essa distinção considera uma analogia entre os pares autor-texto e sujeito-discurso. Acrescida à ideia de “efeitos de sentido” apresentada por

Pêcheux, para Vignaux (1979 *apud* Orlandi, 2015, p. 71), o discurso não propõe a representação da realidade, mas assegura a permanência de uma representação. Nessa situação, o sujeito, assumindo um papel de autor, coloca-se numa função de produzir um texto em sua unidade, numa “[...] coerência e completude imaginárias” (Orlandi, 2015, p. 71). Essa ideia de imaginário que permeia os discursos estabelece uma unidade que possibilita uma “[...] direção ideológica, uma ancoragem política” (Orlandi, 2015, p. 72). A função de autor seria, então, considerada como “princípio de agrupamento do discurso”. Ainda, segundo Althusser, “[...] todo indivíduo humano, isto é, social, só pode ser agente de uma prática se se revestir da forma de sujeito. A **‘forma-sujeito’**, de fato, é a forma de existência histórica de qualquer indivíduo, agente das práticas sociais” (Althusser, 1978, p. 76).

Dessa forma, ao se colocar numa determinada posição para formular um determinado discurso — dentre tantas posições e tantos discursos —, um sujeito se insere, então, numa formação discursiva (FD), que é a possibilidade de se dizer de um certo momento ou condições de produção. Segundo Pêcheux (2014),

[...] o *sentido* de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe “em si mesmo” [...] mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas [...]. Poderíamos resumir essa tese dizendo: *as palavras, expressões, proposições etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam*, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas [...] nas quais essas posições se inscrevem. Chamaremos, então, formação discursiva aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito* [...] (Pêcheux, [1988]2014, p. 146-147, grifos do autor).

Uma formação discursiva se divide nos níveis do **enunciado** e da **formulação**. Segundo Mittmann (2007), o enunciado liga-se às noções de interdiscurso, formação discursiva e formação ideológica; enquanto a formulação está ligada ao intradiscurso. Isto é, o enunciado “[...] constitui-se no *domínio de saber* próprio a uma FD, funcionando como um princípio de aceitabilidade discursiva, ou seja, determinando *o que pode e deve ser dito*, e excluindo o não formulável” (Lagazzi, 1988, p. 55). Por outro lado, a formulação seria uma “[...] sequência linguística que se iguala ou não à frase e que é uma reformulação possível do enunciado no seio de uma rede de formulações” (Lagazzi, 1988, p. 55). Seria, então, o lugar onde se realiza a “[...] sequencialização dos elementos do saber” (Lagazzi, 1988, p. 55). Foucault ainda afirma que “Descrever uma formulação enquanto enunciado não consiste em analisar as relações entre o autor e o que ele disse (ou quis dizer, ou disse sem querer), mas

em determinar qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser seu sujeito” (Foucault, [1969] 2008, p. 108). Isso se reflete em todas as materialidades discursivas, inclusive (e talvez até sendo mais forte) no discurso literário.

Ademais, Gallo (2020) nos apresenta os conceitos de **discurso de escrita** e, a partir deste, de **efeito autor**. O discurso de escrita seria uma macrocategoria que recobre certos discursos escritos, não orais, concedendo-lhes um status de legitimidade. O que distingue a forma escrita da forma oral é a circulação e a formulação: a forma escrita compreende discursos institucionais. É nesse espaço, de maior legitimidade aferida à escrita, que a autoria é recoberta do chamado efeito autor, exclusivo dessa legitimidade do próprio discurso.

É assim, a partir das ideias de condições de produção, paráfrase, interdiscurso, polissemia, imaginário, autor, entre outros conceitos, que podemos pensar na materialidade discursiva recortada e em quanto da poesia de JCMN foi formulada a partir da pedra, do quanto ela renovou seu discurso poético (num processo polissêmico) e no quanto ela se manteve, colocando em circulação diferentes efeitos de sentido. Pensamos, ainda, na unidade (questionável) que se estabelece a partir do imaginário produzido por JCMN em sua função de autor, exercida em sua obra, *compreendendo* sua obra.

Uma análise de discurso percorre o discurso, começando por sua superfície linguística, por seu objeto discursivo e por seu processo discursivo, nesta ordem. Esse processo, que está inserido nas formações discursiva e ideológica, engloba o texto superficial, aprofundando-se nas constituições de sentidos (Orlandi, 2015, p. 76). Essas “camadas” se combinam, não havendo uma separação estável entre língua e discurso durante os efeitos de sentido que serão analisados.

1.1 AD e o espaço

Em uma análise sobre a cidade, Orlandi afirma que a disposição espacial resulta numa determinada significação dos sujeitos. Afirma ainda, que o espaço é, de um lado,

[...] o enquadramento de todos os fenômenos” (Henry, s. d., e-mail) e, de outro, ele não é nem um vazio, nem apenas uma função, ele é espaço de interpretação, tem sua materialidade em que se confrontam o simbólico e o político [...]. O corpo dos sujeitos está atado ao corpo da cidade e estes são significados por essa ligação (Orlandi, 2011, p. 695).

Se estendermos esta noção a outros espaços além da cidade (como o Sertão e outras searas nordestinas), é a partir desses locais que ocupamos e que nos ocupam que formamos uma subjetividade e uma identidade. Esse processo é, também, primordialmente social e político.

É preciso, para isso, rompermos com as transparências dos espaços e das linguagens, pensarmos as espacialidades como acúmulo de camadas discursivas e de práticas sociais, trabalharmos nessa região em que linguagem (discurso) e espaço (objeto histórico) se encontram, em que a história destrói as determinações naturais, em que o tempo dá ao espaço sua maleabilidade, sua variabilidade, seu valor explicativo e, mais ainda, seu calor e seus efeitos de verdade humanos (Albuquerque Júnior, 2018, p. 33).

Grigoletto, De Nardi e Galli apontam para essa rede parafrástica que sustentaria uma possível identidade nordestina. As autoras recorrem à

[...] noção de sujeito e de sua relação com a língua(gem), dos processos de subjetivação e identificação, e da própria noção de singularidade, tal como poderia ser pensada pela AD, no sentido de nos permitir olhar para essa tensão entre o particular e o coletivo que se inscreve no dizer sobre “ser nordestino” (Grigoletto; De Nardi; Galli, 2022, p. 2).

Pensa-se, então, na construção de uma identidade a partir de um atravessamento entre simbólico e imaginário, considerando “[...] a historicidade como constitutiva da linguagem” e o ser nordestino “[...] em sua historicidade” (Grigoletto; de Nardi; Galli, 2022, p. 2). Albuquerque Júnior aponta, ainda, que as diversas formas de linguagens (os discursos) “[...] não apenas representam o real, mas instituem reais²” (Albuquerque Júnior, 2018, p. 34). A partir dessas visões, podemos pensar como os discursos e os objetos a que eles se referem parecem estar imbricados numa rede que já não permite pensarmos um sem o outro, que forma discursos que formam espaços que formam discursos.

1.2 AD e o discurso poético

Ao aprofundarmos nossa abordagem da AD no que se refere ao texto literário, percebemos que essa disciplina historicamente se dedicou majoritariamente a analisar textos jornalísticos e discursos políticos, em busca de marcas que definam as ideologias dominantes e suas respectivas condições de produção e formações discursivas para pensar determinados

² O “real” a que Albuquerque Júnior se refere não é tem o mesmo sentido da AD. Aqui o autor se refere à realidade.

sentidos. Isso não significa que essa teoria não possa ser usada para compreender outras materialidades discursivas, inclusive o texto literário, que opera no limite dessa percepção de real da linguagem em referência ao seu objeto e a suas condições de produção. Silva e Rodrigues afirmam:

Há numerosos escritores que pretendem operar fora de qualquer pertencimento; mas essa é justamente uma das características da literatura, a de suscitar a pretensão de jogar com a tensão entre a criação solitária e o pertencimento a grupos. Essa é a condição do pertencimento paradoxal que caracteriza a inscrição do escritor no campo discursivo (Silva; Rodrigues, 2016, p. 189).

Para Pêcheux (2014), a ficção seria a modalidade idealista pura da forma-sujeito. Isto significa pensar que, nessa modalidade, “[...] a incorporação do interdiscurso [...] pode dar-se até o ponto de confundi-los, de modo a não haver mais demarcação clara do que é dito e aquilo a propósito do que é dito” (Pêcheux, 2014, p. 155). Ao adaptar essas ideias para falar da interface entre discurso e poesia, Eliana de Almeida (2020a) afirma que a poesia constitui-se no espaço entre língua e sujeito. É na língua, através do intradiscurso, que um sujeito poeta faz combinar esteticamente vários aspectos que traduzem o interdiscurso que o constitui. Almeida aponta como diferentes escritores, com suas particularidades, “[...] criaram e produziram discursivamente diferentes sujeitos nacionais, diferentes Brasis” (enciDIS UFF, 2020a). Ela diz, ainda, que, para Pêcheux, a atividade criadora (neste caso, a poesia) seria um “[...] funcionamento espontâneo da forma-sujeito” (enciDIS UFF, 2020a).

Almeida (2020b) também traz considerações do que constitui a posição de poeta. Alicerçada em ideias de Gadet e Pêcheux (2004), ela elabora que, considerando a metáfora como parte do funcionamento próprio da língua, o poeta seria, então, “[...] aquele que consegue levar essa capacidade da linguagem [a metáfora] a seus últimos limites” (enciDIS UFF, 2020b). Devemos pensar na poesia como um espaço discursivo que, apesar de acontecer em situações cotidianas, costuma apresentar possibilidades da língua para “[...] além do espaço tradicional de dizê-la”, produzindo, “[...] no intradiscurso, o que escapa ao sistema e não cabe em formulações ordinárias” (enciDIS UFF, 2020b).

Desta forma, a poesia, enquanto expressão “livre” de linguagem “otimizada”, é o possível da linguagem. No entanto, isso não significa dizer que, em seu efeito autor, sujeitos estejam alheios às condições de produção ou à formação discursiva. A literatura e a poesia seriam, apenas, meios menos usuais para as formulações de determinados sentidos e para formulações que, por seu “idealismo puro”, nos fazem considerar as posições que um

indivíduo assume para ser sujeito numa dada condição de produção de seu discurso. Analisar o discurso poético exige, então, que se pense a linguagem em seu espectro metafórico, percebendo os efeitos de sentido a partir de outras nuances, considerando sempre a multidisciplinaridade.

2. Sobre João Cabral de Melo Neto

Conforme já sinalizamos, João Cabral de Melo Neto nasceu em Recife em 1920 e ali viveu até 1942, quando se instalou no Rio de Janeiro. Em 1945, prestou concurso para o Itamaraty e foi aprovado. Em 1947, foi alocado internacionalmente pela primeira vez, como vice-cônsul, em Barcelona. Seu primeiro livro de cunho social, *O cão sem plumas*, foi publicado em 1950, inspirado em leitura de matéria d'*O Observador Econômico e Financeiro*³. Em 1952, foi acusado de subversão e, em 1953, é colocado em regime de disponibilidade até 1954, quando foi reintegrado à diplomacia. Esse período do fim da década de 1940 e da década de 1950 parece determinante para uma confirmação do posicionamento político e social de João Cabral, considerando a censura imposta a seu trabalho aliada aos contextos mais amplos, política e socialmente. Por conta de sua função à época, viveu de 1956 a 1958 em Sevilha, cidade para a qual retornou no período de 1962 a 1964. Do início de suas funções diplomáticas até a publicação de *A educação pela pedra* (1966), assumiu ainda cargos nas cidades de Londres (Inglaterra), Marselha (França), Madri (Espanha), e Genebra e Berna, na Suíça (Instituto Moreira Salles, 1996, p. 10-13). Compreender a poesia de João Cabral demanda um resgate dessa sua história e do contexto brasileiro em que o poeta viveu.

2.1 Condições de produção

Se pensarmos no contexto geral brasileiro e em acontecimentos pontuais para tratar da formação de discursos de Nordeste, a partir do século 19, há vários marcos políticos que afetaram a produção de discursos e criaram os imaginários de Nordeste que até hoje permeiam o interdiscurso. Num contexto internacional, a busca pela identidade nacional tomava muitos países recém-formados. Atrelada a isso, a independência do Brasil em 1822 tornava urgente essa busca por uma determinação dos símbolos da nação. Ademais, em 1888, o fim da escravidão impactou a economia, criando ou intensificando fluxos migratórios. A produção açucareira, por exemplo, dependia quase exclusivamente da mão de obra escravizada, sofrendo assim uma grande queda. Também, a população escravizada precisou se adaptar a suas novas condições, migrando para os estados concentrados mais ao Sul.

³ *O Observador Econômico e Financeiro* foi uma revista de periodicidade mensal sediada no Rio de Janeiro dos anos de 1936 a 1962. Em matéria de 1949, diz-se que a expectativa de vida do homem em Recife seria de 28 anos, equiparável à da Índia (Câmara, 1949, p. 42). A leitura desse artigo teria influenciado a escrita de *O cão sem plumas* (1950) e um posicionamento mais social na escrita de Cabral (Instituto Moreira Salles, 1996, p. 12).

Além dos comentados acima, podemos apontar como grande marco de influência dessa construção de discursos a Grande Seca do Nordeste, que ocorreu entre os anos de 1877 e 1879. Durante três anos, não houve chuvas ou colheita que suprissem as necessidades da região, o que acarretou milhares de mortes, causadas pela fome, e processos migratórios saídos do Sertão até as capitais litorâneas e para o que hoje é a região Norte⁴. Até a pandemia de Covid-19, essa havia sido a maior tragédia brasileira em números de mortes (Mota; Costa; Tombesi, 2021, on-line). Este se torna, então, o problema mais importante da região, foco de atenção dos meios de comunicação e das atividades políticas direcionadas à área, numa tentativa de mitigar os impactos causados pela seca. São planejadas e executadas grandes obras e, no começo do século 20, é criado um órgão voltado apenas para isso e que, atualmente, se chama Departamento Nacional de Obras Contra as Secas⁵. É inclusive como consequência destas ações que começa a haver uma divisão regional mais próxima ao que se tem hoje, sendo a região Nordeste aquela que limita os estados mais afetados pelas secas.

As novas dinâmicas nacionais intensificaram as diferenças entre os estados do norte e do sul, com estes concentrando o poder político e econômico. O discurso de invenção do Nordeste começa a ser influenciado por essa percepção de derrota, de um “[...] espaço subalterno na rede de poderes” (Albuquerque Júnior, 2018, p. 80). Nesse contexto de dualidade norte-sul, surge um movimento nacional de determinação das regiões, através de expedições, debates, conferências e manifestações artísticas, para que se criem identidades de espaços ainda pouco demarcados culturalmente numa nação tão nova, mas com muitos episódios marcantes, ainda em processo de estabilização.

Em paralelo a esses processos, se pensarmos na literatura da época, depois da Semana de 1922, houve um movimento de retorno a metros e formas tradicionais (Bosi, 2021, p. 497). Entre os anos de 1930 e 1950, surgiu uma fase de uma poesia “[...] universalizante, metafísica, hermética” (Bosi, 2021, p. 412). O imediato pós-guerra teve um discurso sobre a arte de vocabulário existencial (Bosi, 2021, p. 468). Ainda que não necessariamente em conflito com essas tendências, a chamada “geração de 45” — da qual João Cabral fez parte, ainda que com ressalvas — buscava propositalmente “[...] não repetir traços acidentais do Modernismo” (Bosi, 2021, p. 468). Havia uma intenção de voltar à pesquisa formal e de repropor um problema básico ao meio literário: “[...] *o da concepção de poesia como arte da palavra*” (Bosi, 2021, p. 468, grifo do autor), deixado um pouco de lado durante as

⁴ À época, não havia a divisão regional usada atualmente.

⁵ Em 1909, foi fundada a Inspetoria de Obras Contra as Secas (IOCS), posteriormente renomeada de Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS), em 1919, e finalmente assumindo sua denominação atual em 1945 (DNOCS, 2013, on-line).

intervenções do Modernismo. Mais à frente, principalmente nas décadas de 1950 e 1960, soma-se a essas tendências um contexto muito mais politizado, em que os poetas encontram-se preocupados em renovar a linguagem, mas também em estabelecer relações críticas, de denúncia, do poema com seus objetos.

Este é o universo mental onde estamos inseridos; e não parece de todo insensato, se descermos às razões da aridez que nos cerca, esperar das poéticas da dureza e da agressividade algo mais que a fátua complacência na dureza e na agressividade: a denúncia do que aí está e a procura de uma comunicação mais livre e inteligente com o semelhante (Bosi, 2021, p. 469).

Ao fim da década de 1960, os caminhos da poesia tendiam a “[...] negar o valor estético da efusão do eu e a privilegiar o universo do trabalho, da técnica e das tensões ideológicas que operam no âmago da história; e ambas são poesia reflexa e polemicamente cultural” (Bosi, 2021, p. 501). João Cabral de Melo Neto fazia parte dessa nova geração de que fala Bosi; no entanto, ainda que partilhasse a formalidade do rigor métrico, o poeta foi além, seguiu seu próprio caminho e buscou um rigor semântico, saindo de uma poética “autocentrada” de seus trabalhos iniciais, para uma poética “participante”, que começa em *O Cão sem plumas*, e que “[...] viria a ser, nas décadas de 1950 e 1960, uma exigência ética sentida por toda a cultura brasileira” (Bosi, 2021, p. 503). Isto é, podemos pensar que essa necessidade de mostrar-se mais crítico e participativo socialmente foi sentida em todo o contexto literário brasileiro.

Em seu *Percursos da poesia brasileira* (2018), Antônio Carlos Secchin afirma que não há, na poesia brasileira, “[...] uma linhagem nítida onde comodamente se possa instalar a obra de JCMN” (Secchin, 2018, p. 251), isto é, “[...] o que o precede não o anuncia, o que o sucede não o denuncia” (Secchin, 2018, p. 249). Isso não implica pensarmos num discurso sem historicidade, mas sim pensarmos em João Cabral enquanto autor “[...] situado no tempo, mas não sitiado por ele, capaz, portanto, de grafar-lhe as marcas da recusa, da negação, da dissonância” (Secchin, 2018, p. 251). Cabral, então, “[...] não se coaduna com a Geração de 45 [...] tampouco se caracteriza como simples continuador do complexo estético e ideológico da poesia de 22” (Secchin, 2018, p. 171).

Segundo Secchin, a poesia cabralina tem um objetivo em sua enunciação: o da objetividade. No entanto, ele aponta os seguintes problemas a essa “objetividade”: 1) “[...] o instrumento apto para aclarar a percepção é o mesmo que serve para encobri-la: a palavra”; e 2) “Toda obra revela simultaneamente a percepção e o percebido” (Secchin, 2018, p. 253), de modo que percebemos que “[...] assinalar um objeto é inscrever nele a marca especular do

sujeito; transforma-se o marcador na coisa marcada” (Secchin, 2018, p. 257). Sendo assim, não se pode pensar numa objetividade que acarrete uma eliminação completa de si.

Podemos pensar nas escolhas que um poeta (ou qualquer sujeito) faz ao produzir seu discurso. Toda escolha significa também uma não escolha. Todo discurso implica vários não ditos, impossíveis de serem proferidos por conta de uma gama de aspectos referentes às condições de produção já citadas. Se pensarmos na análise específica de JCMN, Secchin coloca que é “[...] pela marca exaustiva sobre determinados signos que se vai desenhando o rosto de quem a imprime. Na ‘seleção dessas coisas’ o poeta se reconhece” (Secchin, 2018, p. 254). Vemos, então, em João Cabral, uma “[...] pequena incidência de termos abstratos e a preferência por signos que, de algum modo, evoquem a experiência sensorial” (Secchin, 2018, p. 254). Secchin destaca, ainda, “[...] a recusa em admitir a existência de palavras que fossem *a priori* ‘poéticas’” (Secchin, 2018, p. 274). É interessante pensarmos em como, nessa recusa de seguir um vocabulário poético tradicional, João Cabral acabou por tornar outras palavras não usuais marcas de sua poética — como a famigerada pedra.

Bosi aponta João Cabral como o melhor poeta contemporâneo à época em que escreveu. Para ele, a vivência espanhola de Cabral acentuou sua tendência de “[...] apertar em versos breves e numa sintaxe incisiva o horizonte da vivência nordestina [...] Nas obras posteriores⁶, o poeta aguça seu modo de ver e dizer a paisagem” (Bosi, 2021, p. 504).

2.2 O imaginário do Nordeste/Sertão

Temos, então, primeiramente, discursos com efeitos de sentido sobre as várias realidades do Nordeste, sobressaindo-se duas principais formações discursivas do imaginário nordestino, aqui apresentadas. Primeiramente, num viés mais saudosista e tradicionalista, incentivado pela queda da produção açucareira e pelo fim da escravidão, há o discurso enaltecido do litoral de Pernambuco, das casas grandes e dos engenhos, encabeçado pelo olhar sociológico de Gilberto Freyre. Nesses discursos, valoriza-se um passado de poder e riqueza da região, ressentindo-se com o fim da escravidão por ter “acabado” com essa realidade (Albuquerque Júnior, 2018).

Em contrapartida, uma outra forma de discursivizar o Nordeste foi através da perspectiva da denúncia da seca. É certo que o Sertão já havia se tornado um objeto mítico por outros discursos, em especial pela representação da Guerra de Canudos, por Euclides da

⁶ Bosi escreve essa consideração antes de 1970, então *A educação pela pedra* faz parte da obra posterior de JCMN.

Cunha. No entanto, esses discursos de denúncia tomaram força a partir do fortalecimento de ideias e, conseqüentemente, de discursos marxistas entre uma elite intelectual esquerdista. Numa contraposição ao discurso saudosista, essa maior consciência de classes e de materialismos históricos trouxe à tona uma outra problemática. No viés da estética marxista, devia-se pensar mais na retratação de uma realidade e de um discurso engajado do que na expressão artística. João Cabral de Melo Neto se encaixava nesse segundo grupo, que falava também de uma permanência do espaço, mas não pela negação do presente, e sim porque o Sertão parecia fadado ao clima árido e à morte que o determinava, num estado eterno de sobrevida (Albuquerque Júnior, 2018).

Apesar de “opostas”, essas duas formações discursivas se atravessam (afinal, compartilham muito das mesmas condições de produção). De forma geral, ambos falam de um Nordeste vítima dos males do mundo, seja através da mudança de sua importância política e econômica, seja por causas naturais. Os discursos se assemelham também ao serem produzidos principalmente por sujeitos em posições de observadores, pelas elites intelectuais da época. O próprio João Cabral de Melo Neto se encontra nessa posição quando fala das secas, visto que ele nasceu e passou seus primeiros anos num engenho na zona da mata do estado, região úmida, e escreveu a maior parte de sua obra fisicamente longe dessa realidade.

Acerca do imaginário de Nordeste, ainda que aqui foquemos o contexto literário, é importante afirmar que esses discursos permearam outras artes como a pintura, a música e o teatro, com representantes importantes em todas elas. Parece ser sistemático e inevitável encarar o Nordeste a partir de um desses imaginários. A partir de um certo momento de sua produção, JCMN toma o Sertão não apenas como objeto, mas também como “instrumento”.

Dele falará quando o discurso poético aprender a apreendê-lo no vazio e na vertigem da carência, numa linguagem rarefeita contra a cultura do supérfluo. Traduzir o sertão é traduzir-se nele: deixar-se conduzir com palavras desencapadas para o lado menos confortável da fala [...] (Secchin, 2018, p. 266).

Essa consideração é importante para pensarmos como João Cabral foi atravessado não por uma, mas por várias das tendências da época, não se atendo a uma única agenda literária, sendo associado concorrentemente à geração de 45 e ao marxismo estético, nunca deixando de conciliar a denúncia social de sua poesia (a partir de 1950) com um tremendo zelo pela estrutura formal das palavras em sua poética.

3. Sobre “A educação pela pedra”

3.1 Metodologia de análise

No que diz respeito aos processos metodológicos propriamente ditos, segundo Pêcheux, deve-se pensar no arquivo, num sentido amplo, como “[...] campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão” (1997, p. 57). Esses arquivos suscitam diversas leituras possíveis, sendo a AD uma delas, propondo-se a pensar um a relação

[...] entre *língua* como sistema sintático intrinsecamente passível de jogo, e a *discursividade* como inscrição de efeitos linguísticos materiais na história, que constitui o nó central de um trabalho de leitura de arquivo (Pêcheux, 1997, p. 63).

A delimitação do *corpus*, no entanto, só ocorre com a própria análise. Deve-se haver um recorte dos dados a partir das condições de produção, considerando-se os objetivos da pesquisa e os “[...] princípios teóricos e metodológicos que, orientando toda análise, possibilitarão uma leitura não subjetiva dos dados” (Lagazzi, 1988, p. 59). Ademais, se pensarmos na delimitação desse *corpus*, segundo Orlandi (1986b *apud* Lagazzi, 1988, p. 60), a AD não busca uma exaustividade horizontal, mas sim vertical, isto é, não se propõe analisar todo arquivo disponível sobre determinado assunto, apenas um recorte que possibilite uma profundidade de abordagem dos objetivos do analista. Afinal, seria incoerente buscar uma exaustividade extensional quando se afirma a existência do interdiscurso (Lagazzi, 1988, p. 60). Define-se, então, uma materialidade concisa que possibilite uma boa e profunda apreensão do objeto de estudo.

Pêcheux afirma, ainda, que é indispensável uma pesquisa multidisciplinar para um “[...] acesso realmente fecundo” (Pêcheux, 1997, p. 55), isto é, não podemos pensar no *corpus* num viés apenas linguístico e, no nosso caso, literário; é preciso pensá-lo num viés histórico-ideológico e, também, se possível, buscar fontes em outras disciplinas para tentar explicar os discursos estudados. Dessa forma, ao delimitar o *corpus* deste trabalho, diante de um arquivo já reduzido — se pensarmos em toda a obra de JCMN, escolhi apenas um livro — selecionei poemas que corroborassem com o objetivo de estudo, que possibilitassem a compreensão das imagens de Nordeste e Sertão que permeiam nosso imaginário.

A partir desta definição, busquei, então, marcas linguísticas que se destacam por apontar um processo discursivo e a produção de determinados efeitos de sentido. Essas marcas “[...] podem se constituir por construções sintáticas, elementos lexicais, morfológicos, fonológicos, não se restringindo a uma única espécie material” (Lagazzi, 1988, p. 61). É

claro, isoladamente as marcas linguísticas não têm um significado único, mas através das condições de produção, é possível compreender esse funcionamento e esses efeitos de sentido (Lagazzi, 1988, p. 62).

Durante o processo deste trabalho, me utilizei do método pendular a que se refere Verli Petri (2013), em que

[...] cada análise é uma análise, tem-se que voltar à teoria, construir um dispositivo analítico que é próprio ao material que se vai analisar [...] É preciso, primeiro, respeitar a teoria e, depois, conhecer bem as noções teóricas e, com isso, poder mobilizar tais noções constituindo uma análise do discurso em questão (Petri, 2013, p. 41).

Isto é, múltiplas vezes saí de um momento de inércia (ponto de encontro entre analista, arquivo e teoria) e me desloquei de acordo com as questões propostas na pesquisa. Isso aconteceu durante momentos de leitura teórica e de leitura do arquivo, mas também em momentos de escrita, processo esse que, pela AD, também é fundamental para mensurar os entendimentos e as incompletudes da análise (Petri, 2013). Assim, notava lacunas em meu conhecimento enquanto analisava o arquivo (a poesia de JCMN) e enquanto escrevia, precisando retornar para a teoria (AD) e, também, para outras fontes, no processo multidisciplinar que Pêcheux sugere. Para além da teoria da Análise do Discurso, foi essencial olhar para o contexto histórico do Brasil e de sua literatura, principalmente no começo do século 20. Além disso, também precisei me ancorar em críticos literários para entender João Cabral de Melo Neto e as características de sua produção por diversos pontos de vista.

Publicado em 1966, *A educação pela pedra* é constituído por 48 poemas, metade deles contendo 16 versos e a outra metade, 24 versos. Estes poemas estão divididos em 4 seções chamadas, respectivamente, Nordeste (a), Não-Nordeste (b), Nordeste (A) e Não-Nordeste (B), num imediato anúncio à pretensão temática do autor. Se pensarmos na estrutura poética, esses lados (a e b) produzem efeitos de sentido de rimas alternadas, o que nos faz pensar numa mesma sonoridade das palavras, mas, também, nos espaços poetizados. Já se forma uma “segregação” entre espaços que, de alguma forma, “soam” parecidos e se assemelham em sua materialidade discursiva. Ademais, um outro possível sentido (não excludente), os lados a e b podem remeter a sentidos opostos, isto é, lugares opostos. Desta forma, parece que o autor separa o espaço Nordeste, colocando-o em oposição a tudo que não seja essa região, de tudo que não “soe” como ela. Este sentido parece condizente com o que Secchin coloca como o uso do Nordeste e da palavra como “instrumentos” de identificação e

representação. Esta oposição não significa a falta de atravessamento, mas sim uma alternância de possibilidades que, ao se separarem, significam também uma escolha, uma opção.

Desse conjunto, 3 poemas foram selecionados para serem analisados, sendo o primeiro pertencente à seção Nordeste (a) e os outros dois, à seção Nordeste (A). Numa consideração geral acerca dos poemas analisados, é possível determinar as condições de produção imediatas. O livro aqui abordado foi produzido pelo poeta entre os anos de 1961 e 1966, quando desempenhou funções diplomáticas em cidades da Espanha e da Suíça. Nesse período, Cabral já havia se tornado um “poeta social” e já havia sido perseguido politicamente. Desta forma, não havia uma vivência empírica das situações retratadas e suas publicações estão sempre permeadas pelo interdiscurso do que se apresenta como Nordeste, a partir do imaginário e de pesquisas socioeconômicas. Esse deslocamento faz jus ao que Pêcheux (2014) comenta a respeito de uma otimização da forma-sujeito em sua identificação com o outro, pois, por ser linguagem poética — e parte da “ficção” comentada pelo autor —, é possível atingir o máximo de idealismo, que nesse caso se mostra inerente à forma-sujeito. Há total liberdade para, através dessa materialização da/na língua, colocar-se numa posição outra.

De um ponto de vista literário, é possível apontar a poética “participante” a que Bosi se refere, pela necessidade de colocar-se politicamente, de criticar e de não mais fazer uma poesia completamente deslocada da realidade, hermética. Há uma sugestão do clima político para que se faça poesia social. Ao mesmo tempo, os poemas aqui analisados seguem perpetuando aquilo que Albuquerque Júnior aponta como uma literatura de vitimização, presente desde os discursos iniciais da seca, mais de 80 anos antes da publicação.

Enquanto consideração geral dos poemas a seguir, aponto ainda a percepção do entrelaçamento entre palavras e coisas e o exercício de Cabral ao versar sobre “poucos” objetos, numa linguagem enxuta (até como instrumento de sentido de um Nordeste também enxuto, seco), preocupada com forma e conteúdo a todo instante (diferentemente de outras vertentes contemporâneas a ele que escolhiam forma ou conteúdo como elementos excludentes). Esse uso do “pouco” em uma produção tão rica nos faz pensar na possibilidade de semeadura desses espaços *apesar de*. Apesar de todas as condições adversas que poderiam significar uma inviabilidade de vida, de palavra, muito se produz e muito se tira desse espaço.

3.2 A pedra e o Sertão

A educação pela pedra

Uma educação pela pedra: por lições;
para aprender da pedra, frequentá-la;
captar sua voz inenfática, impessoal
(pela de dicção ela começa as aulas).
A lição de moral, sua resistência fria
ao que flui e a fluir, a ser maleada;
a de poética, sua carnadura concreta;
a de economia, seu adensar-se compacta:
lições da pedra (de fora para dentro,
cartilha muda), para quem soletrá-la.

Outra educação pela pedra: no Sertão
(de dentro para fora, e pré-didática).
No Sertão a pedra não sabe lecionar,
e, se lecionasse, não ensinaria nada;
lá não se aprende a pedra: lá a pedra,
uma pedra de nascença, entranha a alma.
(Melo Neto, 2008, p. 207).

O primeiro poema, que traz o nome do livro *A educação pela pedra*, apresenta dois espaços, duas visões, duas identificações, dois “como se”. A pedra é símbolo imagético do Sertão. Cabral traz termos educacionais que produzem um efeito de sentido de analogia com a sala de aula, considerando a pedra, ao mesmo tempo, professora e objeto de estudo. O poema apresenta, então, duas formas de educação pela pedra: uma por lições (de dicção, de moral, de poética e de economia), como se estivesse propriamente numa sala de aula, seguindo uma cartilha; e outra no Sertão (de dentro para fora e pré-didática).

A primeira educação é discursivizada como externa, “de fora para dentro”, para quem olha e descreve uma pedra inenfática, impessoal, resistente, concreta e compacta. Cada lição apresenta uma característica. A de dicção, inicial, mostra uma voz “inenfática, impessoal”, como se a pedra não falasse nada a pessoa alguma, mantendo-se sempre silenciosa. Depois, se segue uma lição de moral com sua “resistência fria/ ao que flui e a fluir, a ser maleada”. Se pensarmos nos espaços da pedra (espaços de seca), as pessoas que ali viviam e se apresentam seriam sempre de uma moral resistente, mas ainda passível de deixar-se levar, sensível ao fluir da vida. Já a lição poética, de “carnadura concreta”, nos remete, então, à dureza da vida, mas também ao formalismo concreto que se desenvolvia no Brasil desde meados dos anos de 1950 e que prezava por uma rigidez técnica e por uma objetividade. Por fim, a lição de economia, compacta, pode fazer referência à pobreza que “definia” (discursivamente) a região à época.

A partir desta descrição e compreensão, começamos a pensar nos aspectos literais da pedra e em como isso se traduz em espaços e discursos a partir do imaginário de um observador que não vive a pedra. Espaços de pedra (secos, duros) seriam, assim, inicialmente, pouco maleáveis e sucintos, “sem muito a oferecer” para aqueles que a veem de fora. Essa primeira educação mostra, em lições, os aspectos perceptíveis e apreensíveis para quem frequenta uma pedra superficialmente, visitando-a. Ainda, em uma analogia com a linguagem, é isto que o imaginário de/sobre uma pedra, enquanto professora e enquanto objeto, pode oferecer: discursos inenfáticos, impessoais, concretos, compactos, resistentes e morais. Apesar disso, se pensarmos no ditado “Água mole em pedra dura tanto bate até que fura”, é possível imaginar que essa dureza da pedra seja apenas prenúncio para um atravessamento difícil, mas não impossível; fecundo em sua profundidade.

Já a outra educação — “de dentro pra fora, e pré-didática”, que “entranha a alma” — é inerente ao sertanejo, de nascença, não vinculada a qualquer educação formal. A pedra do Sertão cria, dá à luz. Ainda, quando diz que “se lecionasse, não ensinaria nada”, Cabral aponta para a falta de necessidade de lições de dicção, moral, poética ou economia para que um sertanejo alcance os aprendizados da pedra: não há muros de escola, livros, manuais ou cartilhas. Até porque não há justificativa ou lição de moral que justifique a dureza da pedra. A pedra é o que é — uma imensidão de significados do Sertão, do sertanejo, do saber-fazer de seus lugares e sujeitos únicos. Todas essas propriedades — a impessoalidade, a resistência, a concretude e a densidade compacta — são, para um sertanejo, de nascença. O Sertão é a própria pedra e qualquer conhecimento é tácito, sem método.

À primeira vista, Cabral parece falar do lugar de quem utiliza a linguagem, como quem busca definir perfeitamente a coisa — a pedra, o Sertão — partir da palavra, concisa. Depois, sugere a não necessidade de linguagem ou qualquer formalização para que se adquiram os aspectos fundamentais da pedra de que se fala (“lá não se aprende a pedra: lá a pedra,/ uma pedra de nascença, entranha a alma”). A pedra-seca-Sertão. Essa ideia de sofrimento e resiliência remete ao imaginário do sertanejo forte, batalhador, sofredor e corajoso. Existem dois caminhos de aprendizado que se misturam e se atravessam (como parecem fazê-lo no próprio sujeito), dependendo do ponto de vista de quem aprende (seja de fora ou de dentro), intercalados, mas não parece haver verdadeira alternativa para o que se vai aprender. Seja de visita ou ao nascer com a pedra, não é possível encontrar algo que não seja dureza, concretude e inflexibilidade, numa formação de sentido do sertanejo que persiste apesar disso. Com esse poema, de um modo quase fatalista, JCMN já estabelece as diretrizes

de seu discurso, determinando o que é a pedra que dá nome a seu livro e quais efeitos de sentido de Sertão ele propõe. Afinal, não há alternativa para “uma pedra de nascença”, ela permeia tudo, entranha a alma e, assim, não há alternativa para o Sertão ou o sertanejo — em todos os seus aspectos, positivos e negativos — e talvez, se pensarmos os efeitos de sentido produzidos, também não haja alternativa para essas imagens e imaginários em sua singularidade.

Vejamos o poema 2:

O hospital da Caatinga

A Danilo Coimbra Gonçalves⁷

O poema trata a Caatinga de hospital
 não porque esterilizada, sendo deserto;
 não por essa ponta do símile que liga
 deserto e hospital: seu nu asséptico.
 (Os areais lençol, o madapolão areal
 os leitos duna, as dunas enfermaria
 que o timol do vento e o sol formol
 vivem a desinfetar, de morte e vida.)

2

O poema trata a Caatinga de hospital
 pela ponta oposta do símile ambíguo;
 por não deserta e, sim, superpovoada;
 por se ligar a um hospital, mas nisso.
 Na verdade, superpovoa esse hospital
 para bicho, planta e tudo que subviva,
 a melhor mostra de estilos de aleijão
 que a vida para sobreviver se cria,
 assim como dos outros estilos que ela,
 a vida, vivida em condições de pouco,
 monta, se não cria: com o esquelético
 e o atrofiado, com o informe e o torto;
 estilos de que a catingueira dá o estilo
 com seu aleijão poliforme, imaginoso;
 tantos estilos, que se toma o hospital
 por uma clínica ortopédica, ele todo.
 (Melo Neto, 2008, p. 235-236).

Pensemos os dois termos-chave do poema: hospital e caatinga. Segundo o dicionário Houaiss, os sentidos principais da palavra “hospital” são: “1 estabelecimento próprio para internação e tratamento de doentes ou de feridos; 2 que age com hospitalidade, com benevolência; hospitaleiro, acolhedor” (Hospital, s. d., on-line). Seria, então, espaço de cura e acolhimento. Segundo a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), caatinga

⁷ Danilo de Souza Leão Coimbra Gonçalves (1914-1983) foi cirurgião ortopedista e pioneiro na área de cirurgia de mão (Árvore..., [s.d.]).

seria “[...] um bioma exclusivamente brasileiro, com biodiversidade adaptada às altas temperaturas e à falta de água.” (Bioma..., on-line).

A partir disso, Cabral apresenta um símile ambíguo da Caatinga que a relaciona com um hospital: deserta e povoada. Novamente neste poema, o autor se utiliza de uma dualidade contraditória, mas que supõe atravessamentos pela sua constituição. Se é deserta, é também estéril como se espera de um hospital; por outro lado, está superpovoada de enfermos, de seres em situação de subvida, necessitando cuidados. Essa contradição supõe atravessamentos nessa dualidade. A primeira possibilidade, de uma Caatinga hospital porque deserta, apresenta vários significantes que remetem a uma assepsia tão intensa que não haveria possibilidade de morte ou vida. Ora, caracterizam-se como desérticas as regiões de índice pluviométrico irregular, o que seria impróprio para a vida. Da mesma forma que um hospital, com seus lençóis, leitos e enfermarias, é limpo com timol e formol, a Caatinga, com seus areais e suas dunas, torna-se nua com o vento e o sol.

O poeta, então, foca o segundo viés, destrinchando como essa “vida, vivida em condições de pouco, monta, se não cria”. Com o pouco que é ofertado a uma população de bichos — também humanos, mas não só — e plantas, surge uma mostra de estilos de aleijão, isto é, deformidades físicas (incluindo aqui também o efeito de sentido de espacialidades deformadas) resultantes da falta a que Cabral se refere. São necessárias adaptações físicas ao clima desértico, mas se vive, se cria vida. Essa característica de subnutrição é, também, constante no imaginário da Caatinga nordestina, incapaz de produzir seres completos — se é que existem, afinal, há uma incompletude constitutiva do sujeito, uma falta inerente e incontornável —, e aqui remete aos seus aspectos físicos mais evidentes. Nos anos 1960, a percepção que se tinha da população sertaneja era esta: pela seca e pela fome, as pessoas e os bichos eram esqueléticos, atrofiados; as plantas, tortas. O poema-denúncia serve para reiterar a ideia apresentada de que a Caatinga (o Sertão) é espaço inóspito, ainda que hospital, depósito de enfermos à espera de cuidados. O poeta vai em consonância com a construção de um Nordeste vítima de mazelas que não vão se curar sozinhas.

Ainda que “opostas”, as pontas do símile também se complementam e concordam. Parece haver, ao mesmo tempo, efeitos de oposição e de causa na descrição do espaço. Por um lado, se pensarmos na contraposição de ideias, vemos que a Caatinga é hospital pois, **apesar de** deserta, encontra-se povoada, numa ideia de resiliência do povo em resposta às suas condições. Por outro lado, numa visão de causa e efeito, a Caatinga só é um hospital povoado de enfermos **porque** é deserta de condições adequadas para a vida plena, só sendo

possível, assim, a sobrevida adaptada dos aleijões. Por fim, se pensarmos os significados dos termos apresentados, em “O poema trata a Caatinga de hospital”, por exemplo, João Cabral coloca em relação esses dois ambientes, promovendo também uma relação de efeitos de sentidos. Sendo assim, podemos pensar ainda a ideia de Caatinga como lugar próprio para o cuidado de doentes e, também, de alguma forma, hospitaleira e benevolente nesse processo.

Segue o poema 3, abaixo:

O sol em Pernambuco

A José Sette Câmara⁸

*(O sol em Pernambuco leva dois sóis,
sol de dois canos, de tiro repetido;
primeiro dos dois, o fuzil de fogo,
incendeia a terra: tiro de inimigo.)*

O sol, ao aterrissar em Pernambuco
acaba de voar dormindo o mar deserto;
dormiu porque deserto; mas ao dormir
se refaz, e pode decolar mais aceso;
assim, mais do que acender incendeia,
para rasar mais desertos no caminho;
ou rasá-los mais, até um vazio de mar
por onde ele continue a voar dormindo.

Pinzón diz que o cabo *Rostro Hermoso*
(que se diz hoje de Santo Agostinho)
cai pela terra de mais luz da terra
(mudou o nome, sobrou a luz a pino);
dá-se que hoje dói na vida tanta luz:
ela revela real o real, impõe filtros:
as lentes negras, lentes de diminuir,
as lentes de distanciar, ou do exílio.
*(O sol em Pernambuco leva dois sóis,
sol de dois canos, de tiro repetido;
o segundo dos dois, o fuzil de luz,
revela real a terra: tiro de inimigo.)*
(Melo Neto, 2008, p. 247-248, grifo nosso).

Estruturalmente, o poema apresentado tem duas estrofes de 12 versos cada. No começo da primeira estrofe e ao final da última, há 4 versos em parênteses que parecem um pouco descolados do restante do poema, como se fazendo um comentário à parte, complementar ao que se apresenta. Se pensarmos nas CP, especialmente no contexto literário em que Cabral se encontrava, mecanismos de separação como parênteses ou disposições pouco usuais do texto eram muito usados à época pelos poetas concretos, grupo do qual JCMN fazia parte, ainda que parcialmente. Essas passagens têm discursos aparentemente alternados e desconexos, mas que se complementam, formando a imagem de Pernambuco. É

⁸ José Sette Câmara Filho (1920-2002) foi um diplomata brasileiro que exerceu funções na Suíça entre os anos de 1961 e 1964, onde possivelmente conheceu JCMN (José..., [s. d.]).

possível perceber que cada um desses trechos entre parênteses resume, em sua analogia entre sol e arma de dois canos, o que é apresentado no restante da estrofe, isto é, os dois elementos do sol: fogo e luz. Novamente, há uma dualidade no posicionamento; no entanto, dessa vez o sujeito apresenta uma complementação, em vez de uma dissonância, afinal, luz e fogo são, muitas vezes, particularidades de um mesmo elemento.

Nos versos 1-4 e 21-24 (onde estão os trechos entre parênteses), há um comentário sobre o sol de Pernambuco. O sol aqui é dividido em dois componentes: fogo (calor, temperatura) e luz. Ora, esses significantes são muitas vezes referenciados como indispensáveis à vida, como um calor e uma luz que nutrem — em oposição ao frio e à escuridão —, que permitem a visão clara, um conforto, uma lucidez. Aqui, no entanto, esses elementos são vistos como os dois canos de uma arma. Este poema nos remete ao sentido de que, em Pernambuco, as características inerentes ao sol são sinônimos de violência dobrada. Enquanto o primeiro dos canos, “fuzil de fogo”, incendeia e queima a terra, o segundo, “fuzil de luz”, revela real a terra. Esses dois fuzis atiram um “tiro de inimigo”.

A primeira estrofe destrincha esse aspecto do fogo. Nos versos 5-12, vemos o caminho que o sol percorre através do espaço de Pernambuco, como se numa referência à rotação da Terra, mas numa perspectiva de que o sol é que se desloca. Ele aterrissaria, então, depois de cruzar um oceano inteiro, e percorreria o estado de Pernambuco de leste a oeste. Durante esse caminho, nas passagens desertas — e, aqui, mar e deserto são semelhantes, pela falta de gente e pela imensidão — o mar adormece e “se refaz”, decolando mais aceso pelas áreas povoadas, onde precisa estar acordado. Assim, por se refazer enquanto dorme, o sol está sempre forte, e assim, “mais do que acender incendeia” e pode “rasar mais desertos no caminho”, retroalimentando esse processo de desertificação.

Depois, na segunda estrofe, esmiúça-se o aspecto da luz. Entre os versos 13 e 20, sugere-se que Vicente Yáñez Pinzón⁹ já diria que o Cabo de Santo Agostinho seria a “terra de mais luz na terra” quando chegou ao Brasil, em 1500. Essa luz é como holofote sobre os problemas da região, que “revela real o real” e que impõe filtros: “as lentes negras, lentes de diminuir / *as lentes de distanciar, ou do exílio*”. Ora, trazer uma referência de mais de 400 anos antes faz com que essa arma de luz de Pernambuco soe como um sentido permanente desse espaço, incontornável ao lugar, como emerge em “mudou o nome, sobrou a luz a pino”.

⁹ Vicente Yáñez Pinzón (1462-1514) foi um navegador espanhol que teria sido “descobridor do Brasil” ao chegar no Cabo de Santo Agostinho em 26 de janeiro de 1500, antes de Pedro Álvares Cabral chegar a Porto Seguro.

Dos poemas recortados e analisados, este terceiro é o que representa um espaço mais delimitado. O estado de Pernambuco — e principalmente seu interior, vítima do percurso do sol — seria, a partir dos efeitos de sentido do poema, um espaço quente, seco e claro ao ponto de não haver vida — ou a possibilidade de vida — em grande parte do estado. Trata-se o sol como inimigo que mata e mostra e cujas únicas reações possíveis a isto seriam sofrer, morrer ou sair.

No entanto, se pensarmos que essa região é povoada e produtiva e que o sol queima e mostra, mas não apaga nada (até por conta de sua luz), há também o sentido da persistência. O sol mostra que, apesar desse tiro duplo de inimigo, se permanece e se vive e há sempre a testemunha da luz nesse processo. Lagazzi e Medeiros afirmam que “[...] a resistência constitui o sujeito na sua possibilidade de se mover no simbólico. Quando esse mover-se olha para o outro, o social se abre em sentidos e em possibilidades” (Lagazzi; Medeiros, 2019, p. 77-92). Assim, a partir deste olhar para o outro e desse posicionamento, são muitas as possibilidades a se explorar, como o faz João Cabral em sua poesia.

CONCLUSÕES

Neste trabalho, busquei investigar os modos como o espaço emerge na poesia de João Cabral de Melo Neto, através da análise dos efeitos de sentido poetizados e da compreensão de como esses sentidos permeiam o imaginário social do/sobre o Nordeste brasileiro. Todo e qualquer discurso, inclusive o literário, pode ser compreendido a partir de suas condições de produção, seus fatores históricos, ideológicos e sociais. Se pensarmos em interdiscurso enquanto conceito coletivo, do sujeito inscrito na história, somos chamados a analisar todo e qualquer objeto. A perspectiva de uma disciplina de entremeio apresentada por Pêcheux se confirmou na necessidade de validar as condições de produção e pensar os efeitos de sentido sempre de forma embasada, o que tornou recorrente o aspecto pendular da análise.

Como fatores determinantes do discurso de JCMN, identifico, inicialmente: os processos de formação de identidades nacionais e regionais; a Grande Seca e as consequentes obras de combate às secas; o marxismo cultural e a necessidade de um posicionamento mais ético e crítico dos artistas; o já estabelecido interdiscurso de denúncia das secas; o retorno ao rigor estético — e, no seu caso, também semântico — da linguagem; e, muito importante, sua percepção social a partir de tudo isso e sua consequente perseguição política, que se sedimentou em sua criticidade.

Foi possível identificar, também, efeitos de sentido que delimitam um espaço do Nordeste quente, seco, claro e duro. O poeta tenta estabelecer relações que pareçam mais evidentes entre palavras e coisas, fatores determinantes para o desenvolvimento e a internalização de aspectos físicos e emocionais. A dureza da pedra, com seu silêncio, sua inflexibilidade, sua concretude, é incorporada à alma do sertanejo, silencioso, inflexível, concreto, resiliente. A condição seca, desértica, define um Sertão deserto, no sentido de disponibilidade hídrica, mas povoado ao se encher de miséria. O fogo do sol seria incendiário, rasando Pernambuco e tornando tudo deserto, enquanto a claridade do sol (que aqui é também como inimigo) evidenciaria todas as mazelas do Sertão, sendo impossível escondê-las, mas, também, mostraria como se vive e persiste apesar de tudo isso.

Destacamos os dois principais imaginários nordestinos — a do saudosismo açucareiro e a da denúncia da seca — materializados nos poemas de João Cabral. Sua poesia transborda efeitos de sentido do/sobre o espaço da seca, num viés de denúncia social, utilizando a *secura* como estratégia de linguagem mas também de política (Albuquerque Júnior, 2018, p. 285). Isto é, no plano do interdiscurso, a seca reverbera na produção de JCMN, que reproduz o

imaginário da pobreza da terra, da dificuldade de condições, das deficiências. No entanto, o que Cabral emerge em sua poesia rica a partir da pobreza é um sentido de resiliência e possibilidade, de movência e de vida, como aponta Albuquerque Júnior: “Seu Nordeste é, pois, criado contra a tradição dos discursos regionais centrados na morte. O seu discurso se centra na afirmação da vida em qualquer situação, na alegria de viver e não na tristeza, na lamúria e no choro” (Albuquerque Júnior, 2018, p. 289).

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2018.

ARANTES, Poliana Coeli Costa. Recepção e Análise do Discurso: pontos possíveis de articulação. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA, 18., 2014, Rio de Janeiro.

ÁRVORE genealógica de Danilo de Souza Leão Coimbra Gonçalves. **Mística do parentesco**, [S. l.], [s. d.]. Disponível em: <https://www.parentesco.com.br/index.php?apg=arvore&idp=13824&ori=cidM&ver=por>.

BARBOSA, João Alexandre. Ensaio. *In*: INSTITUTO MOREIRA SALLES. **João Cabral de Melo Neto**. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1996. Cadernos de Literatura Brasileira - volume 1.

BIOGRAFIA - João Cabral de Melo Neto. **ABL**, on-line, 2023. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/joao-cabral-de-melo-neto/biografia>. Acesso em: 14 ago. 2023.

BIOMA Caatinga. **Embrapa**, Brasília, 2021. Disponível em: <https://www.embrapa.br/agencia-de-informacao-tecnologica/tematicas/bioma-caatinga#:~:text=A%20Caatinga%20%C3%A9%20um%20bioma.e%20fauna%20rica%20em%20endemismo>.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. 53. ed. São Paulo: Cultrix, [1970]2021.

BRESSAN, Mariele Zawierucka. Formação imaginária. *In*: LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (Org.). **Glossário de termos do discurso** - edição ampliada. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. p. 125-130.

CÂMARA, Lourival. Termos Gerais da Equação Alimentar no Brasil. **O Observador econômico e financeiro**, Rio de Janeiro, ano 14, n. 164, p. 40-55, set. 1949. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/pdf/123021/per123021_1949_00164.pdf.

DEPARTAMENTO NACIONAL DE OBRAS CONTRA AS SECAS - DNOCS. **História**. Brasília, DF: Ministério da Integração e do Desenvolvimento Regional, 2013. Disponível em: <https://www.gov.br/dnocs/pt-br/acesso-a-informacao/institucional/historia>. Acesso em: 18 set. 2024.

ENCIDIS UFF. **Discurso e Poesia I** - Eliana de Almeida (UNEMAT). YouTube, 18 de setembro de 2020a. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Pdf82_z-sfY.

ENCIDIS UFF. **Discurso e Poesia II** - Eliana de Almeida (UNEMAT). YouTube, 18 de setembro de 2020b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9b4aDn-5Ais>.

FERNANDES, Carolina. Imagem. *In*: LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (Org.). **Glossário de termos do discurso** - edição ampliada. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. p. 147-154.

FERNANDES, Cleudemar Alves. Literatura: forma e efeitos de sentido. *In*: **II Seminário de Estudos em Análise do Discurso**, 2., 2005, Porto Alegre. Porto Alegre: UFRGS, 2005. v. 1. p. 1-13. Disponível em: <http://www.discurso.ufrgs.br/sead/>. Acesso em: 25 jun. 2023.

FLORÊNCIO, Roberto Remígio; ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. ANÁLISE DO DISCURSO A PARTIR DA INTERPRETAÇÃO CONTEXTUALIZADA DE POESIAS DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO. **Revista CESUMAR: Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**, v. 24, n. 2, p. 241-254, Maringá, PR, 2019.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, [1969]2008.

GAMA-KHALI, Marisa Martins. Análise do Discurso e Literatura: diálogos plausíveis. **Gláuks: Revista de Letras e Artes**, Viçosa, v. 22, n. 1, p. 26-43, jan./jun. 2022.

GRIGOLETTO, Evandra; NARDI, Fabiele, Stockmans de; GALLI, Fernanda Correa Silveira. “Ser nordestino”: modos de dizer, modos de significar. **Interfaces**, Guarapuava, v. 13, n. 3, 2022.

HOSPITAL. **Houaiss**, on-line, s.d. Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/houaission/apps/uol_www/v7-0/html/index.php#1.

JOSÉ Sette Câmara Filho. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Rio de Janeiro, [s. d.]. Disponível em: <https://jk.cpdoc.fgv.br/biografia/jose-sette-camara-filho>.

LAGAZZI, S. **O desafio de dizer não**. 1. ed. Campinas, SP: Pontes, 1988.

LAGAZZI, Suzy; MEDEIROS, Vanise. Resistência e ética em tempos difíceis: a política no esquecimento em “Esse viver ninguém me tira”. *In*: GRIGOLETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele Stockmans; SILVA SOBRINHO, Helson Flávio da (Orgs.). **Sujeito, sentido, resistência**: entre a arte e o digital. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019.

LUCENA JÚNIOR, José Ferreira de. **Discurso erótico em três poetas modernistas**: Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto. 2008. 182 f. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

MITTMANN, S. Uma metodologia de análise. *In*: INDURSKY, F.; LEANDRO FERREIRA, M. C. (Orgs.). **Análise do Discurso no Brasil**: mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos, SP: Claraluz, 2007.

MELO NETO, João Cabral de. A educação pela pedra. **A educação pela pedra e outros poemas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008. p. 197-272.

MOTA, Camilla Veras; COSTA, Camilla; TOMBESI, Cecília. 500 mil mortos: a tragédia esquecida que dizimou brasileiros durante 3 anos no século 19. **BBC News Brasil**, [S. l.], 18 jun. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/resources/idt-5ef8617a-d045-4f5e-932d-d41d9292ee51>. Acesso em: 21 set. 2021.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos**. 12. ed. Campinas: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. *In*: Orlandi, E. (Org.). **Gestos de leitura: da história no discurso**. Tradução de Bethania S. C. Mariani. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

PETRI, Verli. O funcionamento do movimento pendular próprio às análises discursivas na construção do “dispositivo experimental” da Análise do Discurso. *In*: PETRI, Verli; DIAS, Cristiane (Orgs.). **Análise do discurso em perspectiva: teoria, método e análise**. 1. ed. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

PREMIADOS 1967. **Jabutí**, on-line, 2023. Disponível em: <https://www.premiojabuti.com.br/premiados-por-edicao/premiacao/?ano=1967> . Acesso em: 14 ago. 2023.

SECCHIN, Antonio Carlos. **Percursos da poesia brasileira: do século XVIII ao século XXI**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

SILVA, Ivanda Maria Martins. Leitura literária: contribuições da Análise do Discurso. **Revista Encontros de Vista**, Recife, v. 7, n. 1, p. 35-45, jan./jun, 2011.

SILVA, Marcelo Henrique; RODRIGUES, Marília Giselda. Morte e Vida Severina. Auto De Natal Pernambucano: Uma proposta de leitura à luz dos conceitos de Análise do Discurso Literário. *In*: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM LINGUÍSTICA DA UNIFRAN, 7., 2016, Franca, SP. **Anais (...)**. Franca, SP: UniFran, 2016. Disponível em: https://arquivos.cruzeiroseducacional.edu.br/criacao/arquivos/anais_VII_selinfran.pdf. p. 187-195.